

EXEMPLOS DE GOVERNANÇA NA OBRA DE JOÃO DOS PRAZERES: OS EMBLEMAS DO TETO DO ANTIGO CONVENTO DA ENCARNAÇÃO DAS COMENDADEIRAS DE LISBOA*

MARA RAQUEL RODRIGUES DE PAULA**

Resumo: *Após a identificação das pinturas do teto do Convento da Encarnação de Lisboa, reproduzidas a partir de emblemas contidos no livro O Príncipe dos Patriarcas S. Bento (1690), buscaremos dissertar a respeito dessas imagens, tendo em consideração os pressupostos da fonte, ligados ao sentido de governança, segundo contexto histórico-social da época. O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Sua Vida, discursada em Empresas Políticas e Predicaveis foi escrito pelo monge beneditino João dos Prazeres (1648-1709) e publicado em dois tomos, em diferentes oficinas tipográficas de Lisboa. A obra revela uma atenção em relação à formação moral dos príncipes cristãos, sendo considerada um dos melhores exemplos da literatura emblemática, entre todas as que foram publicadas em Portugal.*

Palavras-chave: *Convento da Encarnação de Lisboa; João dos Prazeres; emblemas; São Bento, O Príncipe dos Patriarcas.*

Abstract: *After identifying the paintings on the ceiling of the Convento da Encarnação in Lisbon, reproduced from emblems contained in the book O Príncipe dos Patriarcas S. Bento (1690), we will dissertate on these images, taking into consideration the assumptions of the source, linked to the sense of governance, according to the historical-social context of the time. O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Sua Vida, discursada em Empresas Políticas e Predicaveis was written by the benedictine monk João dos Prazeres (1648-1709) and published in two volumes, in different typographic workshops in Lisbon. The work discloses an attention towards the moral training of Christian princes, being considered one of the best examples of emblematic literature, among all those published in Portugal.*

Keywords: *Convento da Encarnação de Lisboa; João dos Prazeres; emblems; Saint Benedict; O Príncipe dos Patriarcas.*

INTRODUÇÃO

As pinturas que analisaremos, que tiveram como fonte os emblemas de João dos Prazeres, fazem parte do complexo do antigo Convento da Encarnação das Comendadeiras de São Bento de Avis, localizado na freguesia de Arroios, em Lisboa. O Convento da Encarnação foi um recolhimento feminino destinado às senhoras da nobreza portuguesa ligadas à Ordem de Avis. Estas casas foram criadas com a iniciativa de albergar as mulheres e filhas de membros da Ordem, levando em conta os riscos a que a família estava sujeita quando o homem estava longe, ao serviço do rei ou quando morria em batalha¹.

* Se o *copyright* de tabelas, gráficos e outras imagens não for indicado, pertence à autora deste texto.

** FLUP, Universidade do Porto/SEDUC, Goiás. Email: raquelrodrix@yahoo.com.br.

¹ SILVA, 2017: 20.

A construção de um convento em Lisboa ligado à Ordem de Avis partiu do desejo manifestado na determinação testamentária de D. Maria, filha de D. Manuel I. Todavia, somente muitas décadas após a morte da infanta, o projeto começaria a tomar forma. Este atraso deve-se às adversidades geradas pela crise de sucessão portuguesa de 1580 e à difícil situação económica agravada pela Guerra dos Trinta Anos (1618-1648)².

Na primeira metade do século XVII, mesmo com o problema da falta de recursos, prosseguiram obras tanto no edifício conventual quanto na igreja, efetuando-se a mudança das senhoras para o convento em 1630³. Quando, finalmente, quase todo o trabalho de construção já estava acabado, alguns reveses forçaram a necessidade de mais obras: em 1734, um grande incêndio levou as religiosas e a vigária a recolherem-se no Convento de Santos-o-Novo até a Encarnação estar novamente em condições de ser reocupada. Em 1755, o grande terramoto de Lisboa danificou de sobremaneira o edifício deixando-o novamente inabitável até meados de 1758⁴. A partir da segunda metade do século XVIII, o Convento da Encarnação voltou a ser ocupado até a extinção das ordens religiosas, em 1834. Posteriormente, as condições de vida na casa decaem consideravelmente por causa do fim dos rendimentos provenientes da Ordem de Avis. Em 1896, o convento é extinto na ocasião da morte da última religiosa, sendo incorporado na Fazenda Nacional⁵. No início do século XX, o prédio passou por muitas obras de readaptação e foi convertido em Recolhimento. Em 2011, este abrigo, que até então estava sob a guarda da Segurança Social, foi entregue à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e hoje serve a um lar de idosos⁶.

O teto que analisaremos se localiza no escadório conventual, que hoje faz a ligação entre a entrada do edifício e as dependências íntimas do lar. De acordo com Silva, a partir da documentação extraída das Mesas de Consciência e Ordens, a construção desta dependência ocorreu provavelmente durante as obras que se seguiram ao incêndio de 1734 e foram dirigidas pelo engenheiro Custódio Vieira, encarregado da nova planta⁷.

A obra pode ser visualizada ao atravessarmos o átrio do edifício e deparando-se o visitante com o escadório nobre de acesso ao recolhimento. Entre o primeiro lance de escadas e o patamar que dá acesso ao segundo lance, localizamos o teto abobadado formado por três tramos.

No centro do primeiro tramo, singular pela sua estreiteza, há uma pintura que representa a Cruz de Avis, em referência à ordem na qual a casa estava afeta, inserida numa cartela ladeada por delicados desenhos florais. No tramo seguinte, igualmente

² SILVA, 2017: 25.

³ VALE, GOMES, SILVEIRA, 2001.

⁴ SILVA, 2017: 30.

⁵ CALDAS, MARTINS, 2015-2017.

⁶ CALDAS, MARTINS, 2015-2017.

⁷ SILVA, 2017: 28.

estreito, foram pintados uma mitra e um báculo, símbolos episcopais ligados à função do edifício, mas que também referenciam São Bento. No terceiro e último tramo, que se encontra acima do patamar entre os lances do escadório, é que visualizamos a obra de nosso interesse. Trata-se de uma composição em que foram aproveitadas as quatro partes da abóboda e em cada parte encontramos uma «pictura» e um «mote» referentes a quatro emblemas que fazem parte do segundo tomo do livro *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento: Sua Vida, discursada em Empresas Políticas e Predicáveis*, publicado pelo frei beneditino português e cronista geral da ordem, João dos Prazeres, em 1690.



Fig. 1. Teto escadório, Convento de Nossa Senhora da Encarnação

Este livro, considerado o primeiro livro de emblemas publicado em Portugal, atendia, à época, questões diversas ligadas ao culto beneditino quanto ao contexto das funções da Ordem. Em primeiro lugar, serviu de instrumento destinado a defender a honra dos beneditinos por ocasião da polêmica com os agostinhos sobre a antiguidade das ordens e a primazia de suas fundações, exaltando, por conseguinte, a figura do patriarca São Bento. Por outro lado, serviu também como instrumento literário voltado à formação de governantes, ao abordar exemplos da vida de um santo para fins políticos. Reflete a aproximação entre um modelo de vida cristã e o perfil do príncipe perfeito para configurar o modelo de bom governante⁸.

⁸ GARCÍA ARRANZ, 2018: 198.

1. «NE PEREAT IMMUNITAS»

A primeira imagem, referente à empresa XVII, que tem como «inscriptio» a expressão «Ne pereat immunitas» («Não pereça a imunidade»⁹), apresenta em sua «pictura» a imagem de uma águia que carrega uma pedra no bico, a voar em direção do seu ninho. Ao longo de mais de uma dezena de páginas, João dos Prazeres desenvolve uma «subscriptio» que entre voltas de metáforas, disserta sobre o sentido de privilégio. Afirma que, mesmo que todos os seres da Terra sejam feitos da mesma essência, alguns desfrutam de certas isenções que lhes são da sua natureza, portanto, os privilegiados devem honrar essas eminências que lhes foram naturalmente concedidas.



Fig. 2. Do lado esquerdo: «Ne pereat immunitas», *Empresa XVII*, JOÃO DOS PRAZERES, 1690. Do lado direito.: «Ne pereat immunitas», pormenor do teto do escadório, Convento de Nossa Senhora da Encarnação

Para desenvolver essa ideia, João dos Prazeres associa a figura da águia aos «privilegiados». As características de certos animais e a analogia entre essas características e os aspectos da vida humana estão presentes em quase toda a obra do cronista. Este tipo de narrativa foi herdada dos bestiários medievais, gênero literário onde são exploradas as virtudes e máculas dos animais, para que, posteriormente, seja alcançada uma interpretação alegórica, vinculada a mensagens de natureza cristã.

Símbolo de majestade divina e da nobreza heroica¹⁰, é sabido que a referência à águia é constante não só na arte da emblemática, mas também como atributo de determinadas figuras da corte celestial. A imagem da águia carregando uma pedra em direção ao ninho é também encontrada em uma estampa do *Mundo Simbólico*, de Filippo Picinelli¹¹. Como referido por Filipa Araújo¹², João dos Prazeres utilizou a obra de Picinelli como

⁹ DIAS, 2020: 125.

¹⁰ CIRLOT, 2000: 61.

¹¹ PICINELLI, 1678 [1635]: 150.

¹² ARAÚJO, 2012: 69.

modelo inspirador, sem pecar, é claro, de nenhuma forma, pela falta de originalidade. No caso da empresa do *Príncipe dos Patriarcas* a «pictura» foi adaptada ao objetivo do livro do cronista beneditino. Prazeres segue a «subscriptio», exaltando as qualidades da águia, diferenciando-as das demais aves pelas suas capacidades: «Sobre a mays levantada penha nidifica a Águia; & a mesma natureza que provoca a buscar o Sol, a ensina a defender o ninho com as pedras Tites, e Acates para que o vento lho não arrebate & as Serpentes lhe não comão os filhos»¹³. Refere que, assim como o patriarca, a águia protege seus descendentes e conseqüentemente, sua espécie, quando, ao construir o seu ninho, preocupa-se em colocar uma pedra em seu interior para solidificá-lo, protegendo-o assim das intempéries dos ventos. Soberana às outras aves, a águia instala o seu ninho nos locais mais elevados, já que o seu voo é o mais alto de todos. Apesar de voar tão alto, os raios de sol, os ventos ou qualquer outra inclemência do tempo não afeta o seu desempenho. Estes são privilégios que foram-lhe naturalmente concedidos.

Para o cronista, tal como as águias em relação às demais aves, são os homens de nobre estirpe em relação aos homens vulgos. Para Prazeres, assim como as águias erguem seu ninho nos lugares mais elevados, os homens nobres, heróis de batalhas diversas, recolhem-se também nos montes e erguem seus solares, onde ali não são ofendidos e, dessa forma, protegem seus mais honrados descendentes, sendo esta uma excelência exclusiva desses príncipes.



Fig. 3. *Imposição do Hábito a São Bento pelo monge Romano*, Bento Coelho da Silveira, óleo sobre tela, 1677-1685, Núcleo Museológico de Salzedas

¹³ JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 218.

De igual forma, tal como as águias, Bento buscou os lugares mais elevados para fazer de morada para ele próprio e para os seus monges. João dos Prazeres faz uma analogia entre a exaltação da águia e parte da história da vida do santo. Quando jovem fidalgo, Bento de Núrsia foi estudar em Roma. Lá estando, não pode conciliar-se com a decadência moral da cidade. Depois de uma breve passagem por Effide¹⁴, colocou-se em fuga para um lugar remoto em busca de uma vida mais contemplativa. Durante este percurso chegou até o Monte Subiaco, onde começou a sua pesarosa jornada como eremita, sendo auxiliado por um monge chamado Romano¹⁵. Foi este mesmo monge que ofereceu o hábito ao jovem Bento, cena narrada pelo biógrafo de São Bento no *II Livro dos Diálogos* de São Gregório e tantas vezes retratada no espólio artístico das casas beneditinas.

Em Subiaco foi exposto a inúmeras provações. Romano vivia em um mosteiro nas proximidades da gruta onde Bento foi viver. Compadecido com a piedade de Bento, vez ou outra, retirava o pão do próprio consumo para levar ao santo. No caminho para a gruta de Bento, havia um grande rochedo que dificultava a passagem do monge. Este, habilidosamente pendurou uma corda com uma campainha por onde fazia descer o pão. Quando a campainha tocava, Bento se apercebia que o pão lhe chegara e saía para recebê-lo. Entretanto, o demônio, invejando a caridade de um e a refeição do outro, quando viu descer o pão, jogou uma pedra e quebrou a campainha¹⁶.

Presumivelmente, Bento já possuía a «eminência» que o acompanhou por todo sempre. Logo após o ocorrido, o Senhor se dignou a aparecer a certo presbítero que acabara de preparar a sua própria ceia no Dia da Páscoa e disse-lhe: «Preparas delícias para o teu próprio gozo, enquanto o meu servo em tal lugar é atormentado pela fome?». O sacerdote levantou-se imediatamente com os alimentos que preparara e caminhou na direção indicada até encontrar Bento. Naquele dia, fizeram a refeição pascal juntos¹⁷.

Foi nesse mesmo monte, perto da morada das águias, que Bento começou a sua trajetória de santidade, pois foi nos montes que, segundo João dos Prazeres, Deus deu a ele a imunidade divina. Após passar um período em Subiaco, reunindo seus primeiros monges, tais como seus discípulos Mauro e Plácido, o santo partirá para o Monte Cassino. Tal como águia, Bento depositará a sua pedra, ao erigir o Mosteiro de Monte Cassino e redigir aquela que será a regra beneditina.

¹⁴ GREGÓRIO MAGNO, 1993: 33.

¹⁵ GREGÓRIO MAGNO, 1993: 58-59.

¹⁶ GREGÓRIO MAGNO, 1993: 58-59.

¹⁷ GREGÓRIO MAGNO, 1993: 60.

2. «EXTRA ECLESIAM NULLA»

Lateralmente a este quadro, encontramos um outro que foi reproduzido a partir da empresa XVIII, do segundo tomo do *Príncipe dos Patriarcas São Bento*. A «pictura» exhibe um barco a navegar em mar aberto e em águas calmas. A «inscriptio» da empresa do livro de João dos Prazeres transcreve a expressão latina «Extra ecclesiam nulla salus», traduzida como «Fora da Igreja não há salvação¹⁸». Interessante notar que o autor da obra não estava familiarizado com a expressão, já que copiou de forma incompleta, escrevendo tão somente «Extra ecclesiam nulla», suprimindo um «c» de «ecclesiam», e a palavra «salus», fazendo com que a frase perdesse o sentido.

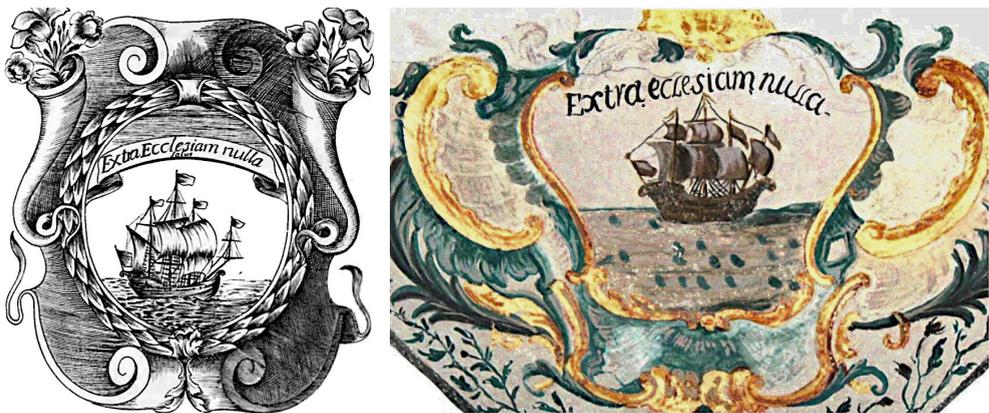


Fig. 4. Do lado esquerdo: «Extra Ecclesiam nulla salus», Empresa XVIII, JOÃO DOS PRAZERES, 1690. Do lado direito: «Extra Ecclesiam nulla salus», pormenor do teto do escadório, Convento de Nossa Senhora da Encarnação

A discussão em torno da necessidade da Igreja no plano de salvação divina para os homens era, já no século III, uma presente preocupação de certos santos padres. Nesse contexto, o adágio «Extra ecclesiam nulla salus», atribuído ao bispo Cipriano de Cartago (210-258 d. C.), enfatizava a necessidade de guardar a unidade da Igreja diante das ameaças das heresias e dos cismas¹⁹, sobretudo nos primeiros tempos de sua existência. Ao longo de suas diferentes interpretações e aplicações, a caminhada histórica do termo e sua importância para a Igreja Católica Apostólica Romana vem sendo associada à imagem de um barco, remontando à história bíblica da Arca de Noé, como salvação para os que estão dentro e condenação para aqueles que estão de fora.

Prazeres segue a narrativa da «subscriptio» tecendo conjecturas a respeito do seu juízo de fé. Segundo ele, muitos governantes foram derrotados por abandonarem o «barco» da fé católica e somente os que a aceitaram foram salvos:

¹⁸ DIAS, 2020: 127.

¹⁹ FERRAZ, 2019: 193.

Sem esta luz, todos vivem cegos; sem esta arma, todos ficam vencidos; sem este muro, todos estão arriscados; sem este alicerce, todos vacilão confusos; sem este Sol, nenhuma virtude cresee; e sem esta agoa, nenhuma vida se immortalisa. He a Fé Catholica a embarcação, adonde no mar deste mundo salvamos a alma: perde a vida, e osbés, o que no meyo da tromente se lançar fóra da embarcação; perde a alma, e priv-se neste mondo de toda a fortuna, quem vive fóra da Ley Evangelica²⁰.

Ele reitera que a fé católica deve ser acompanhada de outras obras meritórias e ainda aliada à outra virtude teologal: a caridade. Esclarece que a fé dos homens se difere da fé divina e da fé política. A fé humana, para o cronista é falível. A fé divina é perfeita e a fé política, que ele cognomina «fidelidade» se vincula a manutenção da palavra e das promessas²¹. O governante deve saber, através dessas práticas, bem conduzir a sua embarcação. Prazeres busca, dessa forma, aliar o sentido de fé católica ao de fidelidade política.

Faz ainda uma analogia entre o barco e a ordem beneditina, que «mesmo ao flutuar nas tormentas nunca perdeu a âncora da fé»²². Para ele, semelhante a uma embarcação é a religião beneditina através de seus monges que, com muita fidelidade, serviram a Deus. Diz João dos Prazeres que os monges beneditinos são tão perfeitos na fé e que por isso usam o hábito negro, «pois é a fé uma escuridade de tal virtude que com ele infalivelmente cremos o que nunca vemos e temos certeza»²³. Quando experimentamos essa virtude navegamos na total escuridão, pois quanto mais escuro o mistério, mais pura e perfeita será a fé.

3. «PROBANTUR UT CORONENTUR»

Na terceira parte da abóbada, acompanhando a sequência das empresas de João dos Prazeres, encontramos novamente a representação da águia. Dessa vez, vemos a ave que, juntamente com seus filhotes, vislumbram o Sol a partir de um ponto elevado de um monte. Dois filhotes acompanham a mãe em sua ação, enquanto um terceiro, desequilibra-se e cai do despenhadeiro, desamparado. No lema que encabeça a imagem lemos: «Probantur ut coronentur», traduzido como «Sejam provados, para que sejam coroados»²⁴.

Nem tudo que provém da terra, mesmo sendo do mesmo gênero, tem o mesmo apreço²⁵. João dos Prazeres inicia seu epigrama fazendo uma diferenciação entre certos entes do mesmo gênero, mas que tem valorações diferentes, tais como o joio e o trigo, o estanho e a prata, para dizer que assim como esses entes, nem todos os filhos herdaram

²⁰ JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 231.

²¹ JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 231.

²² JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 238.

²³ JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 240.

²⁴ DIAS, 2020: 129.

²⁵ JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 244.

toda a virtude dos seus progenitores. Parte daí para utilizar a circunspeção própria da águia e discorrer sobre o preceito da descendência. O cronista afirma que a mãe águia é criteriosa ao examinar os seus filhotes, elegendo assim aquele que conservará a virtude dos pais. Para fazer com que seus filhotes ganhem independência e aprendam a voar, a águia tem alguns subterfúgios: ora coloca a comida próxima do ninho, para que o filhote saia progressivamente, ensaiando a elevação; ora retira a penugem do ninho e deixa apenas espinhos pontiagudos para causar incômodo no filhote. Se nada funcionar, a águia empurra o filhote do ninho para que este seja obrigado a cumprir sua natureza. Com essa prova, a mãe águia conseguirá perceber quais são os descendentes que estarão aptos a herdar as suas virtudes e aqueles que se degenerarão. Posto isso, a «inscriptio» dessa empresa completa a proposição: sejam provados, para que sejam coroados.

Para João dos Prazeres, os governantes devem seguir o exemplo das águias para a boa escolha do herdeiro de seu solar, sendo este não o «mais antigo descendente», mas o mais benemérito, através da observação cautelosa daquele que será seu sucessor: se os raios de sol entorpecem os olhos de uns e clarificam os olhos do outro, recebe este e repudia os demais²⁶.

Para o frei beneditino, ao fazer um paralelo com a ordem, os descendentes escolhidos são os monges que vestiram o hábito beneditino. É a «religião de São Bento» a mais singular, pois se avanteja de todas, nas indulgências concedidas pelo Espírito Santo²⁷. Após essa colocação, o epigrama desta empresa é recheado de exemplos miraculosos de governantes que se salvaram ao vestir o hábito negro da Ordem e morreram como escolhidos. Ao contrário, aqueles que vivem somente de aparências, distantes da religião, não encontrarão as indulgências prometidas por Deus.

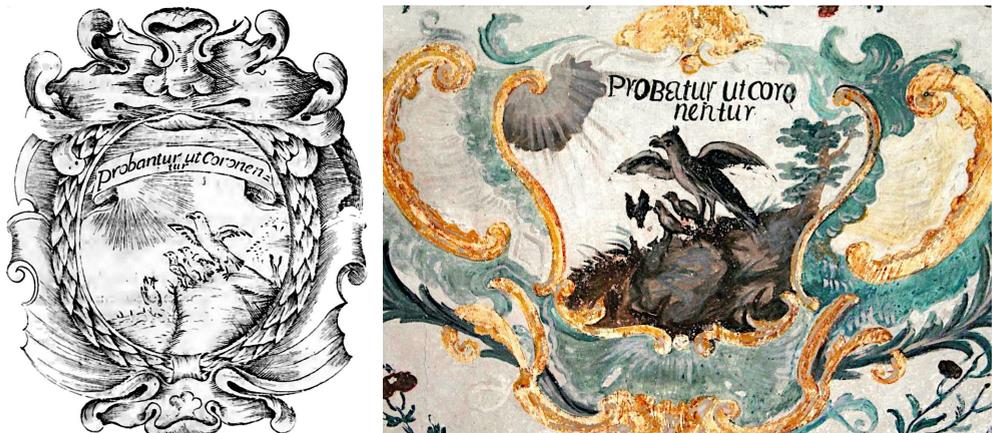


Fig. 5. Do lado esquerdo: «Probantur ut coronentur», Empresa XIX, JOÃO DOS PRAZERES, 1690. Do lado direito: «Probantur ut coronentur», pormenor do teto do escadório, Convento de Nossa Senhora da Encarnação

²⁶ JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 244.

²⁷ JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 250.

É sabido que o livro de João dos Prazeres tem como uma de suas fontes o *II Livro dos Diálogos*, escrito pela Gregório Magno no século VI. Em certas passagens, o Papa narra que até sua chegada ao Monte Cassino, São Bento enfrentou diversos revezes ao conviver com religiosos que eram «falsos escolhidos», que não possuíam as virtudes necessárias para serem aceitos no seio do solar beneditino. Conta uma dessas passagens que, após o período que esteve na gruta em Subiaco, foi convidado para ser abade em um mosteiro próximo dali, dado o falecimento do prior. Por muito tempo, Bento negou o convite, argumentando que não poderia harmonizar seus costumes com os daqueles irmãos. Todavia, foram tantos os rogos que ele cedeu e aceitou o convite. Ao se tornar abade, logo os monges perceberam que sob a tutela do novo prior, as regras eram mais duras e lhes era pesaroso abandonarem os velhos hábitos. Determinados a voltar a viver na devassidão, tramaram a morte do abade Bento servindo uma taça de vinho envenenado durante a ceia. Ao oferecerem a bebida, Bento estendeu a mão e fez o sinal da cruz. A este gesto, o copo, que estava distante, estalou e fez-se em pedaços, como se naquela taça de morte tivesse dado, em vez da cruz, uma pedrada. Compreendeu logo o homem de Deus que o copo contivera uma bebida mortal, pois não pudera suportar o sinal da vida²⁸. Levantou-se no mesmo instante, e com a mente tranquila, voltou à solidão e pôs-se a viver consigo mesmo.

João dos Prazeres conclui a «subscriptio» dessa empresa afirmando: importa pouco ser monge de nome e hábito, ser filho da águia somente nas aparências, para que vivendo entre os verdadeiros monges e procedendo dissoluto, lhe valha a imunidade da religião. Meramente vestir o hábito negro e permanecer cheio de vícios, não faz do monge um elegido.

4. «SE IPSUM CONSPURCAT»

A quarta e última parte da abóboda apresenta uma pintura elaborada a partir da empresa vigésima do segundo tomo do livro *O Príncipe dos Patriarcas São Bento*. Encimando a imagem lemos a «inscriptio»: «Se ipsum Conspurcat», traduzida como «A si próprio se suja»²⁹. A curiosa «pictura», a princípio, nos coloca a questão sobre que animal estaria ali representado. Não obstante, após uma breve leitura do epigrama, João dos Prazeres deixa latente que o animal ali representado é o basilisco, uma figura fantástica porme-norizada por Plínio em sua *História Natural*³⁰ e que esteve bastante presente na cultura medieval através dos bestiários.

²⁸ GREGÓRIO MAGNO, 1993: 64.

²⁹ DIAS, 2020: 131.

³⁰ SOUSA, 2021.



Fig. 6. Do lado esquerdo: «Se ipsum Conspurat», *Empresa XX*, JOÃO DOS PRAZERES, 1690. Do lado direito: «Se ipsum Conspurat», pormenor do teto do escadório, Convento de Nossa Senhora da Encarnação

Ao longo dos séculos, o basilisco foi descrito de diversas formas, sendo a mais corrente aquela que o descreve como sendo um animal cruel com corpo de galo e uma cauda de serpente³¹ que tem a capacidade de matar com o olhar. Porém, uma característica importante deste ser pode ser inferida na pintura e na empresa de João dos Prazeres. O animal ali representado olha para um espelho e esta seria a única forma conhecida de um homem poder ceifar a vida do basilisco.

Ao que tudo indica, a «subscriptio» desenvolvida por João dos Prazeres nesta empresa tem clara referência ao manuscrito português *Horto do Esposo* escrita por um monge anônimo oriundo do Mosteiro de Alcobaça, entre os séculos XIV e XV. As reflexões contidas no manuscrito se assemelham aos argumentos que João dos Prazeres utiliza ao associar a fereza do basilisco aos homens brutos que desprezam a doutrina e seus ditames³². Prazeres faz um paralelo entre o basilisco que se fere com a luz refletida no espelho e o homem que também se dilacera na sua falta de religião. Dessa forma, adverte aos leitores que o estado clerical, através dos ritos de sua profissão, é o sol que ilumina com o espírito de Deus o entendimento dos homens e também o espelho que representa com a luz divina a importância da alma.

O longo epigrama dessa empresa cita diversos exemplos de príncipes que infligiram mau tratamento aos seus ministros da Igreja e de como foram punidos por suas ações. Para a Igreja, tal como o animal sucumbe ao ver a luz refletida no espelho, também os que negam esta luz são fatalmente abatidos pela providência divina. A si próprio se suja aquele que se vira contra a religião.

³¹ SOUSA, 2021: 95.

³² JOÃO DOS PRAZERES, 1690: 262.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha desses emblemas como forma de erodir o teto do escadório do Mosteiro da Encarnação partiu de uma finalidade efetiva que se concatena com a função do antigo edifício. A partir do exame dessas quatro empresas, inferimos que o panegírico de João dos Prazeres centra-se massivamente em determinados assuntos nas diferentes empresas. Em um primeiro, Prazeres associa a imagem da águia ao sentido de privilégio, tanto o privilégio divino que é concedido a certos homens pios, como o secular e nobiliário. Dessa forma, através de suas translações, imputa certa responsabilidade etérea aos governantes, função primordial dos Espelhos de Príncipes, gênero literário utilizado por Prazeres. A seguir, diferencia o conceito de fé cristã do da fidelidade, para depois associá-las, precavendo o governante que as duas têm as mesmas procedências e devem ambas serem estimadas. Posteriormente, relaciona a noção de descendência com o correto cenobitismo, ao atribuir aos bons monges uma herança sublime. Por fim, disserta a respeito de como a ausência da religião, materializada simbolicamente através de um monstro mítico, pode levar o homem e seus governos à autodestruição. Ao longo do texto, o cronista utiliza um duplo sentido, atribuindo um conteúdo direcionado ao governante secular e ao monaquismo cenobítico, tendo como modelo o exemplo irreparável da vida de São Bento. O caráter das mensagens contidas no teto vai de encontro do propósito do convento, tanto na sua função de uso, quanto em relação à instituição na qual a casa estava afeta: a Ordem de São Bento de Avis. Desde a sua criação, no século XII, a ordem esteve estreitamente ligada à Coroa portuguesa e tinha um caráter aristocrático que fundamentava o ingresso na mesma. Dessa forma, a utilização de uma imagem simbólica que abarca ambos os domínios configura um recurso bastante coerente e sagaz para aquele espaço.

BIBLIOGRAFIA

- A REGRA de S. Bento (1980). Tradução de D. João Evangelista Enout. 2.^a ed. revista. Rio de Janeiro: Edições Lumen Christi, 1980.
- ARAÚJO, Filipa Medeiros (2012). *O Alcance simbólico das aves nos emblemas de frei João dos Prazeres. Avanços em literatura e cultura portuguesas. Da Idade Média ao século XIX*. Santiago de Compostela: Através Editora, pp. 63-88.
- CALDAS, Adélia; MARTINS, Nicole (2015-2017). Convento de Nossa Senhora da Encarnação — Base de dados, Projeto LX Conventos. [Consul. 12 nov. 2021]. Disponível em <<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=617>>.
- CIRLOT, Juan Eduardo (2000). *Dicionário de símbolos*. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Dom Quixote.
- DIAS, João José Alves (2020). *Emblemas para a vida: São Bento na obra de Frei João dos Prazeres, Biblioteca das Cortes, 180 anos memória evocativa*. Lisboa: Assembleia da República, pp. 125.
- FERRAZ, Chrystiano Gomes (2019). *O axioma Extra Ecclesiam Nulla Salus: do exclusivismo à abertura ao diálogo ecumênico e inter-religioso*. «João Pessoa, Revista Diversidade Religiosa». 9, 1.

- GARCÍA ARRANZ, José Julio (2018). *Unos emblemata monásticos en azulejos: el programa jeroglífico de la Iglesia Conventual de Nossa Senhora do Terço, en Barcelos (Portugal)*. Universidad de Extremadura: Quintana, 17.
- GREGÓRIO MAGNO (1993). *II livro dos Diálogos de S. Gregório. Vida de São Bento*. Mosteiro de São Bento da Vitória: Edições Ora & Labora.
- JOÃO DOS PRAZERES (1683). *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento. Primeiro tomo de sua Vida, discursada em empresas Políticas e Predicáveis*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello.
- JOÃO DOS PRAZERES (1690). *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento. Segundo tomo de sua Vida, discursada em empresas Políticas e Morais*. Lisboa: Joam Galram.
- PICINELLI, Filippo (1678). *Mondo simbolico formato d'imprese scelte, spiegate, ed illustrate con sentenze, ed eruditioni [...]. In questa impressione da mille, e mille parti ampliato. Studiosi diporti dell'abbate*. Veneza: Presso Nicolò Pezzana, Libro Quarto.
- SANGRINUS, Angelus (1587). *Speculum & exemplar christicolorum. Vita beatissimi patris Benedicti, monachorum patriarchae sanctissimi*. Roma: Bartolomeo Bonfadino.
- SILVA, André Martins da (2017). *O Convento da Encarnação das Comendadeiras de São Bento de Avis*. «Cadernos Culturais». 2.^a Série, 10.
- SOUSA, Camila de Abreu Lopes Seixas (2021). *O basilisco: dos bestiários ao Orto do Esposo*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de mestrado.
- VALE, Teresa; GOMES, Carlos; SILVEIRA, Ângelo (2001). *Mosteiro de Nossa Senhora da Encarnação*. Lisboa, Portugal: SIPA. [Consult. 12 nov. 2021]. Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2535>.

